

Maria Helena Fernandes

Capturas do sofrimento

*Corpo, alimentação e ideais na clínica
psicanalítica*

A close-up, abstract painting featuring thick, expressive brushstrokes in various shades of green, blue, and yellow. The strokes are layered and overlap, creating a sense of depth and movement. The overall texture is rough and dynamic, with visible brushwork and varying tones of the paint.

Blucher

Capturas do sofrimento

Corpo, alimentação e ideais na clínica psicanalítica

Maria Helena Fernandes

Capturas do sofrimento: corpo, alimentação e ideais na clínica psicanalítica
© 2025 Maria Helena Fernandes
Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Luana Nograes e Andressa Lira

Preparação de texto Regiane da Silva Miyashiro

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto: contato@blucher.com.br)

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Fernandes, Maria Helena

*Capturas do sofrimento : corpo, alimentação e ideais na
clínica psicanalítica / Maria Helena Fernandes. – São Paulo :
Blucher, 2025.*

300 p. – (Série Psicanálise Contemporânea / coord. Flávio
Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2561-4 (impresso)

ISBN 978-85-212-2560-7 (eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2559-1 (eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Mulheres e psicanálise. 3. Metapsicologia.
4. Distúrbios psíquicos. 5. Distúrbios alimentares. 6. Bulimia.
7. Anorexia. 8. Distúrbios de imagem. 9. Percepção de si próprio.
10. Clínica psicanalítica. 11. Comportamento autoestrutivô.
12. Psicosomática psicanalítica. 13. Freud, Sigmund, 1856-1939.
- I. Título. II. Série.

F363c

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Introdução – Uma trajetória partilhada...	9
1. A feiticeira metapsicologia	47
2. A hipocondria do sonho e o silêncio dos órgãos: o corpo na clínica psicanalítica	77
3. As formas corporais do sofrimento: a imagem da hipocondria	103
4. Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista	131
5. O corpo recusado na anorexia e o corpo estranho na bulimia	163
6. Mãe e filha... uma relação tão delicada...	199
7. O corpo e os ideais na clínica contemporânea	239
8. O corpo da mulher e os imperativos da maternidade	269
Agradecimentos	293

Introdução

Uma trajetória partilhada...

Contar é muito, muito difícil. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balançê, de se remexerem dos lugares.

Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*

Reunir em um livro alguns dos artigos que publiquei ao longo dos anos foi um convite que, de saída, me entusiasmou. De cara surge a questão: como apresentar os textos ao leitor de forma a permitir visibilidade ao processo de construção das ideias que os gestaram? Como permitir ao leitor acompanhar de perto o surgimento dos meus interesses teórico-clínicos? De onde surgiram esses interesses, de que fontes eles se nutriram? Enfim, qual é a história que os constitui e os sustenta?

Foi para permitir que o leitor construa suas próprias respostas a essas questões por meio da leitura deste livro que pensei em escrever aqui, à guisa de introdução, uma narrativa da minha trajetória. Apesar de singular, tal trajetória se encontra com a de vários outros colegas, meus contemporâneos, sendo, portanto, de certo modo a trajetória de uma geração. Minha narrativa busca retrair

o caminho que possibilitou a construção das ideias que nortearam as minhas pesquisas em psicanálise ao longo dos anos.

Para retraçar tal caminho, optei pelo relato da minha história, do percurso realizado, ressaltando minhas escolhas institucionais e os interesses que guiaram minha prática clínica e minhas construções teóricas. Dou-me conta do tamanho do desafio. Não há história de um caminho profissional que não seja uma história pessoal – a minha história – e, ao mesmo tempo, uma história partilhada, posto que tal trajetória nunca é solitária. Aceito o desafio. É essa trajetória que partilho aqui com o leitor.

Percorrer tal caminho implica, então, necessariamente, me deixar embalar pela possibilidade de navegar no tempo. Ocasião privilegiada para tirar da memória fragmentos de lembranças, muitas delas já amareladas pelos anos. Implica, sobretudo, a ocasião de partilhar histórias e ideias, transformando cada leitor em cúmplice das minhas recordações e, por que não, em porta-voz da minha gratidão. Não há história que não esteja inscrita nessa dimensão fundamental da alteridade na construção do caminho existencial de cada um.

Assim, a história do meu percurso profissional é uma história revisitada, neste momento, com a lente do tempo que tudo transforma: novas cores, novas luzes, mudanças de perspectiva, nuances realçadas, detalhes esquecidos. No entanto... algo resiste ao tempo, algo que retorna sempre, alimentando o presente de suas delicadas recordações. Esse algo que ressurge sempre são os outros que me acompanharam nessa história, os queridos personagens da minha vida, os amigos, os colegas, os mestres, os meus alunos e supervisionandos e, essencialmente, os meus analisandos.

À companhia constante destes últimos devo um aprendizado inestimável, aquilo que só se aprende vivendo, na carne, as marcas das histórias que nos são segredadas entre silêncios e soluções: nossas histórias, a minha e a deles. Estranho cruzamento, confuso

entrelaçamento, surpreendentes descobertas, para mim e para eles. Fomos assim caminhando juntos, velhas estradas, novos caminhos, trilhas, atalhos. Algumas vezes, construímos pontes, outras, escalamos montanhas, driblamos precipícios, escorregamos, caímos e continuamos...

Gisela, Alice, Flávia, Lígia, Pierre, Ângelo, Eduardo, Isabela, Marília, Michelle, Renata, Luísa e tantos outros... Histórias de anos, de meses, de dias, de instantes. Instantes preciosos, como me disse, certa vez, Alice: “Para dizer, basta um instante!”. Instante de dizer, como esse, agora. Dizer sobre o meu percurso de formação clínica e teórica, sobre as minhas publicações, sobre os meus livros, é dizer algo sobre mim, é dizer algo sobre o caminho que norteou meus interesses, construiu minhas ideias, legitimou minhas escolhas e o meu modo de pensar a psicanálise. É por isso, então, necessário começar contando de onde vim e por onde andei...

Os primeiros passos

O senhor sabe: o perigo que é viver. . . . Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.

Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*

Aos 18 anos, entrei na Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, em 1979. No primeiro dia, encontrei os estudantes sentados na grama de um grande pátio, confeccionando cartazes de protesto contra a prisão de um líder estudantil, preso na manifestação do dia anterior. Em 1964, apesar da minha pouca idade, lembro-me nitidamente das conversas entrecortadas da minha mãe, passando adiante, na calada da noite, a informação que havia lhe segredado uma velha amiga, casada com um militar, de que um golpe iria ocorrer. Mas só na universidade entendi plenamente o que significava viver em uma ditadura.

Não preciso dizer que de nada adiantaram os insistentes conselhos da minha mãe para que “não me envolvesse nisso”, nem as histórias de suas alunas, que haviam sido presas e torturadas, contadas e recontadas à exaustão. Não demorou muito para que eu me juntasse a um grupo coordenado por uma das professoras da faculdade, Rosa Pereira, para realizar um trabalho voluntário nas periferias do Recife, com o propósito de ensinar a votar. Esses anos de faculdade tiveram uma importância crucial na minha formação pessoal e profissional.

Os amigos queridos, quantas histórias, quantos mundos diferentes do meu! As longas noitadas de violão nos bares de Olinda, os dramas amorosos, os conflitos, as dores, as tristezas, mas, sobretudo, a debochada irreverência cheia de humor e de liberdade. Com eles aprendi que o mundo era grande, bem grande. O contato com os professores e sua incansável luta para ensinar além, muito além de qualquer conteúdo programático. Se desfrutei o privilégio de dar os meus primeiros passos na psicanálise guiada por Zeférino Rocha e Bernardo Mora, foi pelas mãos de Alba Guerra que iniciei um trabalho de monitoria, posteriormente de pesquisa, que desenvolveu em mim o gosto pela atividade docente e pela vida acadêmica.

No segundo ano da faculdade, ocorreu o meu primeiro contato direto com a loucura. Fui estagiar em um pavilhão de mulheres, no conhecido hospital psiquiátrico da Tamarineira, batizado posteriormente de Hospital Ulysses Pernambucano, em homenagem ao eminente psiquiatra. Por meio desse estágio, aproximei-me, pela primeira vez, das obras de Foucault, Deleuze e Guattari, e Canguilhem. Ali também passei a ter conhecimento da proposta dos grupos-operativos de Pichon-Rivière, dos fundamentos da psicologia institucional, por meio da obra de José Bleger, assim como da vasta literatura psicanalítica sobre a psicose.

Foi aos 19 anos que iniciei minha primeira análise. Sou muito grata a Cláudia Galamba, minha primeira analista, que, com sua atenção e delicadeza, acompanhou meu encantamento pela descoberta da experiência transformadora de ser escutada.

Ao final do quarto ano da faculdade, as incertezas e os medos dominavam o cenário, mas eram temperados pela vivacidade que, em geral, a juventude tem de sobra na sua ânsia de experimentar e aprender. Era tempo de escolher o estágio curricular, que ocuparia todo o quinto ano. Em meio a pouca informação e várias dúvidas, apenas uma única certeza: queria fazer clínica e estudar psicanálise! Prestei a seleção para o estágio do Hospital Pedro II.

Um ano antes, o Hospital Pedro II havia se mudado para o Hospital das Clínicas! Essa foi a primeira informação que obtive na entrevista de seleção, e parecia importante, embora, na ocasião, eu não compreendesse muito bem o que aquilo significava. Uma mudança espacial que, assinalada, colocava em evidência toda a importância do trabalho que fora desenvolvido no Hospital Pedro II, precursor de uma nova época na história da saúde mental em Pernambuco. A mudança para o Hospital das Clínicas permitia que enfermaria e ambulatório de psiquiatria começassem a funcionar no Hospital Geral, anunciando todas as transformações que se seguiram no sistema de atendimento em saúde mental.

No primeiro dia, fomos recebidos em uma sala pequena, com as cadeiras dispostas em círculo. Meus colegas de supervisão eram estudantes de psicologia e residentes de psiquiatria. Recebemos, de Tácito Medeiros, as primeiras informações sobre o funcionamento do programa: além de supervisões diárias, teríamos um seminário teórico semanal e participaríamos das reuniões clínicas do Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Universidade Federal de Pernambuco. Nesse seminário, reencontrei os textos de Freud, já visitados nas disciplinas dedicadas à psicanálise, durante

a graduação, e aprofundei também o contato com a obra de Winnicott e Lacan.

No grupo de supervisão, Edilnete Siqueira parecia observar cada um minuciosamente. Seu olhar atento era como sua escuta! Séria e intuitiva, ela parecia utilizar seu amplo conhecimento psicanalítico não apenas para compreender teórica e clinicamente os casos, mas, sobretudo, para *desconfiar*. Desconfiava das compreensões apressadas e das fórmulas prontas, assim como recusava, com certa impaciência, os excessos interpretativos de um psicologismo muito difundido entre os jovens estudantes de psicologia.

Ao imperativo de *tudo compreender* e de *tudo interpretar*, que parecia dominar nossa escuta defendida e assustada, diante da novidade do contato com a clínica, Edilnete opunha uma firme resistência e nos ensinava a *desconfiar*. Desse modo, ia abrindo o caminho para o *não saber*, o *não compreender*, o *não interpretar*. Essa abertura para o negativo, constitutiva de sua escuta dos casos clínicos, criava as condições para uma abertura das nossas possibilidades de *escutar o sofrimento* daqueles pacientes que chegavam até o ambulatório de psiquiatria do Hospital das Clínicas.

Em sua maioria, haviam sido encaminhados pelo médico por apresentarem uma queixa somática insistente, sem que uma etiologia orgânica a justificasse. Incomodavam e, com frequência, eram considerados “hipocondríacos”, às vezes eram denominados pacientes “histéricos”, outras vezes “psicossomáticos”. O fato é que o sintoma corporal parecia impor-se como o estandarte de uma queixa que solicitava um *espaço de escuta* para conseguir ser formulada, isto é, para conseguir vir a ser colocada em *palavras*.

Como alternativa ao imperativo apressado de qualificar esses pacientes de “histéricos” ou “psicossomáticos”, aprendi a cultivar essa *desconfiança* e a me dar conta do *perigo* inerente a um tipo de compreensão psicanalítica ancorado em uma relação de

causalidade direta entre o psíquico e o somático. Compreender de forma direta e simplista as relações entre o psíquico e o somático pode servir para encobrir uma série de fenômenos complexos em jogo no decorrer de um processo analítico, sobretudo diante do adoecimento do corpo. Estava aí uma primeira lição de psicanálise fundamental! Ao corpo doente, a psicanálise deveria poder oferecer, acima de tudo, um *espaço de escuta* capaz de acolher delicadamente as dolorosas surpresas com as quais as doenças nos confrontam.

Hoje, penso que os questionamentos e ideias que desenvolvi posteriormente a respeito da contribuição da psicanálise na compreensão dos processos de adoecimento do corpo começaram a ser gestadas naquele ano. Porém, foi apenas muito tempo mais tarde que pude realizar uma sistematização teórica, que deu origem a meus dois primeiros livros e a uma série de trabalhos que têm como eixo central *a questão do corpo na psicanálise*. Os capítulos 2,¹ 3² e 4³ deste livro abordam respectivamente a questão da percepção do corpo nos processos de adoecimento somático, a fecundidade do modelo da hipocondria para refletirmos sobre as formas de apresentação do sofrimento contemporâneo e a discussão sobre o estatuto do corpo na psicanálise, particularmente sobre o lugar do corpo na teoria freudiana.

1 “A hipocondria do sonho e o silêncio dos órgãos: o corpo na clínica psicanalítica”.

2 “As formas corporais do sofrimento: a imagem da hipocondria”.

3 “Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista”.

A estrada

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância.

Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*

Ao concluir a faculdade, estava decidida a sair de Recife: queria experimentar outros mundos. No início de 1984, decidi passar o mês de janeiro entre Rio e São Paulo para tentar descobrir onde iria fazer um curso de especialização. Se tudo desse certo, ao final desse período, voltaria a Recife apenas para pegar minhas coisas e começar uma nova aventura. Deu certo.

Logo que cheguei em São Paulo, fui trabalhar em um projeto terapêutico de Hospital-Dia com crianças psicóticas, o Núcleo de Desenvolvimento Infantil – Integração.⁴ Momento primeiro de encontro com a cidade, aprendendo caminhos, expressões, gostos. Redescobrindo com Caetano Veloso que “Narciso acha feio o que não é espelho e a mente apavora o que ainda não é mesmo velho”. As crianças psicóticas e eu, ambos aprendendo a se comunicar, a falar. Aconteceram os primeiros encontros, primeiras amizades, primeiras trocas, primeiros acompanhamentos.

Foi por volta dessa fase que comecei a frequentar um grupo de estudos de psicanálise, coordenado pelo psicanalista David Levisky, supervisor clínico da Integração. Surgiu o primeiro convite, feito por ele, para realizar um trabalho de acompanhamento terapêutico com uma de suas analisandas. Primeiro desafio de uma prática clínica na primeira pessoa, sem a proteção institucional. Gisele, uma jovem de 16 anos, compartilhou meus primeiros passos.

⁴ Uma amostra do trabalho desenvolvido no Núcleo Integração aparece no documentário *Procura-se Janaína* (2007), dirigido por Miriam Chnaiderman.

Elá havia sido encaminhada para a análise pelo neurologista. Na época, apresentava uma suspeita de disritmia e fazia uso de anti-convulsivantes. Ao início da análise, encontrava-se em um suposto quadro de anorexia, chegando a pesar 37 quilos. Era uma garota inteligente, impulsiva, agressiva e apresentava condutas consideradas inadequadas ao convívio social.

Esse atendimento durou pouco mais de quatro anos e representou para mim um aprendizado clínico inestimável. Durante eles, fui acompanhada pela generosa escuta de David Levisky, que se dispôs, inclusive, a discutir comigo o primeiro relato escrito do caso, que apresentei como monografia no primeiro ano do Curso de Psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em 1988. Três anos mais tarde, esse texto foi publicado, graças ao insistente incentivo da saudosa amiga Eliane Berger, no primeiro livro sobre a clínica do Acompanhamento Terapêutico, publicado pela Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Fernandes, 1991).

Em 1985, iniciei um curso de especialização em Psicologia da Saúde no Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com duração de três anos. O programa, de vinte horas semanais, divididas entre atividades clínicas, teóricas e de pesquisa, me proporcionou uma experiência clínica e institucional diversificada. Um rico aprendizado que foi decisivo para o caminho que tomou o meu percurso profissional posterior.

As atividades clínicas eram distribuídas entre o Serviço de Interconsultas, a Enfermaria de Psiquiatria no Hospital Geral e os ambulatórios. As atividades teóricas se dividiam entre os diversos seminários semanais e os cursos teóricos com professores estrangeiros, tanto da Europa quanto dos Estados Unidos, o que certamente contribuiu para estimular o meu velho desejo de tentar estudar psicanálise fora do país. Outra atividade, extremamente

rica, era a participação semanal nas reuniões clínicas do Departamento de Psiquiatria e a experiência de apresentar trabalhos. Lembro-me das duas apresentações que fiz, do frio na barriga e da boca seca. Mas, também, do prazer que senti ao conseguir sustentar uma discussão pública, defender meus pontos de vista teóricos e fundamental minhas tomadas de posição clínica e institucional.

A convite de Latife Yazigi e de Luiz Antônio Nogueira Martins, participei de um interessante trabalho de pesquisa, com a amiga Adriana Marcondes Machado, que visava compreender, com os elementos conceituais da psicanálise, a dinâmica de funcionamento de uma Unidade de Terapia Intensiva de Trauma de um hospital público. Um pedido havia sido dirigido ao Departamento de Psiquiatria, pelo coordenador da UTI, para que pudesse ser realizado algum tipo de intervenção com a equipe médica e de enfermagem, que se confrontava com casos gravíssimos e alto índice de mortalidade. Foi nessa ocasião que conheci Maria Laurinda Ribeiro de Souza, que dirigia o Serviço de Psicologia do hospital. O contato com ela ampliou de forma enriquecedora a minha compreensão do que pode um psicanalista em um Hospital Geral. Suas pontuações contribuíram muito para a qualidade do trabalho, que veio, posteriormente, a ser publicado em uma revista francesa (Martins *et al.*, 1990).

No último ano da especialização, escolhi permanecer no Serviço de Interconsultas, onde retomei minhas atividades anteriores e iniciei a inédita experiência para mim de supervisionar os atendimentos dos residentes de psiquiatria e dos especializandos de psicologia do primeiro ano. Ao final, apresentei um trabalho de conclusão de curso, que se tornou o meu primeiro trabalho publicado (Fernandes, 1986).⁵

5 Poucos anos mais tarde publiquei, com Norma Semer, outro artigo no qual a questão da inserção do psicólogo, particularmente no Hospital Geral, foi

O Departamento de Psiquiatria era, à época, muito marcado pela psicanálise, contando com muitos psicanalistas entre seus supervisores e professores. Minha formação, assim, foi fortemente atravessada pelas presenças significativas de alguns deles, como Luis Antônio Nogueira Martins e Julio de Souza Noto. Além disso, o sólido aprendizado de psicopatologia que teve início na ocasião devi, particularmente, aos psiquiatras Itiro Shirakawa e José Alberto Del Porto, que figuraram também entre os primeiros a confiar no meu trabalho e a me encaminhar pacientes para o consultório particular.

A partir de então, teve início minha atividade clínica em consultório com adultos e adolescentes. Fui cuidadosamente acompanhada, durante os anos que se seguiram, pela supervisão semanal e individual de Maria Helena Raimo Oliveira. Sua escuta atenta foi testemunha dos meus tropeços iniciais, minhas inseguranças, minhas ingênuas exigências. Ajudou-me sempre, de forma muito acolhedora, a dirigir o olhar para mim mesma a fim de conseguir, assim, escutar meus analisandos.

Foi quando tive a oportunidade de iniciar minha segunda análise, processo fundamental. Guiada pela escuta aguda de Ede de Oliveira Silva, mergulhei numa aventura desafiadora, difícil, intensa. Ele acompanhou alguns dos meus mais difíceis momentos, sem se calar diante do que precisava ser dito, e sem me deixar solta e entregue a meu próprio desamparo. Parecia me manter ligada por um fio de Ariadne, que segurava entre os dedos, afrouxando quando sentia que eu precisava ir e puxando quando percebia que precisava voltar.

problematizada a partir da proposta de Ensino e Atuação desenvolvida no Programa de Especialização em Psicologia da Saúde do Departamento de Psiquiatria da Unifesp (Semer & Fernandes, 1990).

Essa foi uma fase de grandes decisões, dentre elas a decisão de não mais retornar para Recife. No fim de 1987, decidi me candidatar para realizar a minha formação em psicanálise no Curso de Psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Na mesma época, fui contratada pelo Departamento de Psiquiatria da Unifesp para permanecer integrando a equipe de supervisores do Serviço de Interconsultas. Minhas atribuições e responsabilidades aumentaram e se diversificaram. Minha clínica se expandiu e, além de atender, passei a dar supervisão para o trabalho de acompanhamento terapêutico. Comecei, enfim, a pisar em solo firme e a desfrutar do prazer de caminhar pela estrada.

Entre minhas atividades no Departamento de Psiquiatria, fora a supervisão para os residentes de psiquiatria e especializados de psicologia dos atendimentos clínicos realizados no Hospital Geral Universitário, supervisionava ainda os trabalhos de Grupo Operativo realizados com as equipes de saúde, por meio do Serviço de Interconsultas, e o atendimento a grupo de somatizadores, pela equipe de psicoterapia. Comecei também a acompanhar os estudantes do 5º ano do curso de medicina na passagem pelo Serviço de Interconsultas por ocasião do internato e a dar aula de psicologia geral e psicologia do desenvolvimento nos cursos de graduação de Enfermagem e Ortóptica da Unifesp. Nessa época, o convite dos alunos da Faculdade de Ortóptica para que fosse a paraninfo da turma me proporcionou uma grande satisfação e a primeira recompensa publicamente significativa com a atividade docente.

A partir daí, os pedidos para proferir aulas e participar de mesas-redondas começaram a compor minhas atribuições profissionais. Passei também a fazer parte da Comissão de Ensino e de Pesquisa do Departamento, e meu envolvimento com a pesquisa se intensificou. Nesse ponto, sou muito grata a Latife Yazigi: seu assíduo acompanhamento na leitura e correção dos meus textos foi decisivo para aprimorar meu gosto pela escrita.

Em 1988, iniciei o curso de psicanálise no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, dando início a um mergulho apaixonado na releitura aprofundada dos textos de Freud. Tive também o privilégio de estar acompanhada de colegas que fazem parte da minha vida até hoje e com quem mantive sempre uma rica interlocução, como Flávio Ferraz, Décio Gurfinkel, Aline Camargo, Márcia de Mello Franco, Maria Elisa Labaki e tantos outros.

Nos seminários, aprendi muito sobre o que significa uma leitura crítica do texto freudiano, extraíndo dele suas contribuições fundamentais, além de suas contradições internas. Jamais me esquecerei da leitura rigorosa e, ao mesmo tempo, extremamente generosa que Cecília Hirschzon fez da minha monografia. É nesse exemplo que me espelho, atualmente, para ler as monografias dos meus alunos. Não poderia deixar de mencionar a importância da experiência de supervisão com Renato Mezan. Seu vivo interesse pela diversidade da minha clínica, sua sincera disponibilidade em me permitir pensar o impensável, seu cuidado para que naquele grupo pudesse caber a singularidade de cada um, deixando crescer em mim a liberdade para legitimar meu estilo, foram fundamentais na minha estrada para me tornar psicanalista.

Entretanto, essa rica experiência precisou ser interrompida pela oportunidade de realizar o sonho de estudar psicanálise na França. Foi ainda durante o segundo ano que comecei a percorrer o caminho para conseguir sair de São Paulo para Paris. Hoje, não há como não ressaltar a importância do grupo de supervisão coordenado por Maria Cristina Ocariz, que acompanhou, passo a passo, todo o complexo processo para desfazer o meu consultório. Foram momentos difíceis, não apenas pelo luto que envolveu, mas também por todas as incertezas vividas naqueles tempos. Cristina foi uma presença atenta e acolhedora, sempre disposta a me ajudar a buscar soluções para os impasses que iam aparecendo no percurso de desligamento dos meus analisandos.

Em meio a esse período conturbado, iniciei, em 1990, um grupo de estudos com Wilson de Campos Vieira, a respeito dos fundamentos da psicossomática psicanalítica. Entrei em contato, então, com a literatura psicanalítica dos autores da Escola de Psicossomática de Paris, Pierre Marty, Christian David, Michel de M'Uzan e outros. Após muito trabalho e grandes batalhas, vencidas apenas por uma obstinação que se tem de sobra na juventude, em outubro de 1991, parti para Paris, em companhia de Nelson, meu marido. Dessa vez, carreguei comigo não apenas o *xote* e o *maracatu* das minhas raízes nordestinas, mas também a “dura poesia concreta de tuas esquinas”, como diz Caetano Veloso, já enraizadas na minha profunda sintonia e no meu amor por São Paulo.

A travessia

Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.

Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*

Logo que cheguei a Paris, carregando o sonho de estudar psicanálise com os mestres franceses que havia conhecido por meio dos livros, dirigi-me inicialmente ao Instituto de Psicossomática de Paris (IPSO) e comecei um curso de aperfeiçoamento. Lá, participava dos seminários teóricos e dos teórico-clínicos, além de assistir às *consultations publiques*, atividades nas quais podíamos acompanhar, por vídeo, a entrevista de triagem que estava sendo realizada em uma pequena sala ao lado. Foram algumas das tantas ocasiões privilegiadas durante esse período no IPSO, pois pude presenciar Pierre Marty, Michel Fain e Leon Kreisler atendendo e, depois, vindo discutir conosco o atendimento e a condução do

caso. As discussões dos seminários teóricos também eram muito interessantes. Nelas, pude aprender com Pierre Marty, Michel Fain, Rosine Debray, Robert Asseo, Gérard Szwec, Claude Smadja e Denise Braunschweig, além de ter apresentado, a duras penas – por causa da dificuldade inicial com a língua francesa –, um dos textos do seminário coordenado por Diran Donabedian.

Porém, foi nos seminários teórico-clínicos que pude acompanhar ricas discussões clínicas, muitas vezes com a presença de Joyce McDougall, Marilia Aisenstein, Jacqueline Loriod e François Moreau, que testemunhavam a vivacidade de uma geração que muito contribuiu para a ampliação do campo teórico-clínico da psicanálise. Sou muito grata, sobretudo, a Pierre Marty, por sua generosa acolhida e por ter colocado a minha disposição um acesso irrestrito à biblioteca, onde passei longas tardes durante o meu primeiro inverno em Paris.

Com a simpática ajuda da bibliotecária do IPSO, tive acesso a quase tudo que precisava para redigir meu projeto de pesquisa de DEA (*Diplome d'Études Approfondies* – equivalente ao mestrado), que apresentei aos Laboratórios de Jean Laplanche e de Pierre Fédida, ao me candidatar para estudar na Universidade de Paris 7. Meses depois, saiu o resultado da seleção e tive a imensa satisfação de ser aprovada em ambos os Laboratórios. Por seu reconhecido interesse em pesquisas que estivessem ancoradas na clínica psicanalítica, escolhi o Laboratório coordenado por Fédida. Ele se interessou pelo meu projeto e aceitou ser meu orientador.

Na primeira aula, Fédida explicitou sua intenção de abordar durante o ano o projeto de construção da metapsicologia. Seu objetivo era claramente o de chamar a atenção dos jovens analistas para a operacionalidade clínica da metapsicologia de Freud. A construção do projeto metapsicológico freudiano é o tema do artigo que inaugura este livro, tendo sido primeiramente publicado em um

número da revista *Percuso* em homenagem à obra de Fédida (Fernandes, 2004).⁶

Foi um ano intenso, de muito estudo. Além do curso teórico anual, ministrado por Fédida e por Patrick Lacoste, a respeito das relações entre psicopatologia e metapsicologia, em que a ênfase era colocada na leitura aprofundada dos textos de 1915, assistia ainda ao seminário de pesquisa, coordenado por Fédida, a respeito do lugar atribuído por Freud à paranoíia na construção de uma psicopatologia propriamente psicanalítica. A leitura crítica e as discussões clínicas, a partir do caso Schreber, conduzidas por Fédida, me permitiram um aprendizado inestimável, sobretudo a respeito da especificidade da clínica psicanalítica.

Havia também os seminários de textos, que versavam sobre história e epistemologia da psicopatologia, fenomenologia, semiologia, teoria linguística e suas relações com a psicanálise. Esses seminários procuravam explorar a literatura francesa, inglesa e alemã. Na ocasião, entrei em contato com textos clássicos da psicopatologia francesa, como os de Pinel, Ribot, Taine, Henry Ey e, ainda, com os trabalhos de Binswanger. O objetivo era colocar em evidência as diferenças entre as maneiras de apresentar um caso clínico, levando em conta suas diversas modalidades e as especificidades metodológicas de cada um desses discursos.

Além disso, tínhamos um grupo de quatro seminários que trattavam basicamente do ensino clínico e metodológico, nos quais trabalhávamos as questões relativas à problematização dos estudos de caso, das anamneses, da formalização do discurso. A intenção era proporcionar uma reflexão crítica e aprofundada sobre as condições de possibilidade da pesquisa acadêmica em psicanálise. Outra atividade, muito interessante, era assistir à apresentação de pesquisas em andamento realizadas por alunos que estavam no

6 “A feiticeira metapsicologia”.

doutorado. Lembro-me bem do quanto pude aprender com a apresentação de Sylvie Le Poulchet, que já estava próxima de concluir seu doutorado.

Todos esses momentos eram vividos entre o encantamento pela possibilidade de aprofundar meus conhecimentos teórico-clínicos e a perplexidade diante da amplitude do programa de estudos a ser trilhado e do desafio que seria dar conta de um doutorado. Encanto e perplexidade que logo descobri que podia partilhar também com meus colegas... na mesa de uma *brasserie*, andando até o metrô. Eu não estava sozinha.

Um método eficaz, utilizado por todos os alunos estrangeiros, com o qual logo me familiarizei, permitia um bom aproveitamento de todas essas oportunidades de aprendizado: gravávamos as aulas e depois as transcrevíamos para poder estudar. Especialmente para a prova escrita, que aconteceria no final do ano letivo, antes da defesa do *Mémoire*. Estudei bastante para essa prova na companhia de duas amigas, uma francesa e uma argentina. Com elas, exercitei o hábito de empreender uma leitura detalhada dos textos, esforço que, para meu orgulho, me possibilitou obter a segunda maior nota da turma na prova final. Meses depois, pude contar também com a valiosa interlocução de Danielle Brun, que participou como membro da banca de defesa do meu DEA. E, assim, cheguei ao doutorado. Fiquei feliz ao saber que Fédida aceitou continuar como meu orientador.

Vida de estudante de novo, muita saudade e, sobretudo, muitos sonhos. Após as aulas, longos passeios à beira do Sena, pois, para digerir toda aquela novidade, só mesmo muita conversa. Depois, a necessidade de contar o que cada um havia vivido naquele universo estrangeiro e frio era aquecida por uma bela sopa de cebola, bem quente! Mas... o tempo passa e o que é estrangeiro torna-se familiar. Nossos jantares solitários passaram a ser partilhados com novos amigos e, em torno da mesa, as conversas giravam animadas pelo

bom vinho e pela presença acolhedora e cosmopolita da comunidade de doutorandos na França: brasileiros, franceses, tunisianos, argelinos, italianos, argentinos, gregos, mexicanos e marroquinos.

Percorriamos Paris assistindo, aqui e ali, a conferências, aulas e seminários, quase sempre gratuitos. Desse modo, acompanhei as aulas de André Green e Joyce McDougall na Société Psychanalytique de Paris, nas quartas-feiras, bem como um seminário de Joël Dor, na Universidade de Paris 7. No entanto, presenciar uma conferência de Daniel Widlöcher no auditório da Salpetrière, o mesmo onde outrora Charcot apresentava suas histéricas, foi, sem dúvida, uma emoção à parte. Assim como foi marcante ouvir Derrida, na École des Hautes Études, e usufruir da clareza cristalina das apresentações de Laplanche, na Universidade de Paris 7.

Até o final do DEA, não havia conseguido ainda uma bolsa de estudos para custear minha estadia em Paris. Todavia, com a ajuda de Fédida, que tomou a iniciativa de escrever uma carta ao CNPq elogiando a qualidade do trabalho que apresentei para obtenção do DEA, consegui, enfim, uma bolsa de estudos que financiasse o meu doutorado. Sou muito grata a Fédida, por tudo que pude aprender com ele, mas, sobretudo, pela disponibilidade em me ajudar a seguir com o doutorado.

Antes da chegada da bolsa do CNPq, tive a oportunidade de trabalhar na rede pública francesa em um programa integrado de pensão protegida e apartamentos terapêuticos. Àquela época, a experiência com os diversos modelos de residências terapêuticas ainda estava no início. No caso dos apartamentos terapêuticos, o poder público alugava um imóvel na comunidade e ali passavam a residir de três a quatro pacientes. Uma dupla de terapeutas acompanhava o gerenciamento da vida em comum dos moradores desses apartamentos por meio de uma reunião de grupo semanal, precedida de um jantar comum a todos, que os próprios moradores se organizavam para preparar. Nessas reuniões, eram discutidas as

questões de convívio, de gerenciamento prático do apartamento (compras, pagamento de contas etc.) e nelas se escolhia um dos moradores para ser o responsável por seu funcionamento durante aquela semana.

Além disso, cada morador dispunha semanalmente de um atendimento individual com um dos terapeutas, sempre o mesmo, no qual eram discutidas as questões pessoais, das mais concretas às mais subjetivas. Esse terapeuta funcionava como referência para o paciente, uma espécie de interlocutor privilegiado pela intimidade que se estabelecia entre ambos e, ao mesmo tempo, alguém com quem ele podia contar para discutir e resolver problemas diversos, como ajudar na compra de algo que estivesse precisando ou no acompanhamento em uma visita familiar especialmente difícil. Muitas vezes, uma indicação de análise brotava do atendimento individual, em que uma demanda podia ir lentamente se configurando, até poder ser expressa em um pedido de análise.

Tínhamos ainda as reuniões de equipe, que congregavam as duplas de terapeutas dos diversos apartamentos, sob a direção de um coordenador e supervisor. Nelas, apresentava-se, resumidamente, o que havia ocorrido na semana, discutiam-se as dificuldades inerentes à tarefa, assim como as solicitações dos pacientes que exigiam um trabalho mais aprofundado antes de qualquer tomada de posição. O convívio entre os moradores, as alianças que se formavam, os conflitos que emergiam, o contato com as dificuldades do outro, tudo isso constituía uma vivência intensa e fecunda capaz de proporcionar experiências transformadoras. Foi com muita satisfação que retomei, com esse trabalho, a minha atividade clínica.

Essa experiência foi impactante não apenas pela intensidade do que sempre vivemos no trabalho institucional, dada a complexidade na condução das situações clínicas, mas sobretudo por poder trabalhar em um dos dispositivos do sistema de saúde mental franceses. Naquela época, a França colhia os frutos da ampla participação

dos psicanalistas na criação e na condução dos serviços públicos de atenção à saúde e os recursos financeiros destinados à saúde mental permitiam colocar em prática projetos que surgiam tanto nas reuniões de equipe quanto nas reuniões de grupo com os moradores dos apartamentos. As facilidades para levar adiante as iniciativas e invenções da equipe e dos moradores era algo que contrastava com o que havia vivido nos anos de trabalho no serviço público no Brasil, em que toda uma geração de profissionais muito lutava para constituir o campo da saúde mental em nosso país.

Enfim, a chegada da bolsa de estudos do CNPq trouxe uma primeira sensação de segurança e possibilitou a retomada da minha análise pessoal. A generosa escuta de Hélène Troisier acompanhou todo o meu percurso ao longo dos anos em Paris. Esteve comigo em todos os percalços, em todas as dificuldades, mas também em todas as conquistas. Dotada de uma escuta extremamente perspicaz, sua presença discreta me embalou muitas vezes em um silêncio acolhedor, jamais deixando de me acordar com a sensibilidade de suas intervenções. Recusava todo tipo de clichê psicanalítico. Em sua companhia, pude me lançar em uma aventura analítica das mais fecundas para a minha vida.

Um belo dia, uma grande novidade: fiquei grávida. Com toda a permissão do mundo para desejar, solicitava com naturalidade todas as habilidades culinárias que Nelson havia adquirido ao longo daqueles primeiros anos de Paris. Posso dizer que passei muito bem todo esse período, até o nascimento da nossa Elisa, em abril de 1995. Durante os nove meses de gravidez, avancei bastante a tese de doutorado e consegui entregar a Fédida os primeiros capítulos redigidos.

Além de continuar seguindo o seminário de pesquisa coordenado por Fédida, que passou a contar com a presença de Monique Schneider, também participei de alguns cursos teóricos que muito me influenciaram nesse período. Um sobre a problemática da

mudança psíquica do sujeito ao longo de um processo analítico, ministrado por Maurice Dayan, em que estudei em profundidade os escritos de Piera Aulagnier. Outro sobre a questão da feminilidade e da sublimação na obra freudiana, ministrado por Joel Birman, durante o ano em que esteve fazendo seu pós-doutorado na Universidade de Paris 7. E um terceiro sobre psicossomática e psicanálise, ministrado por Paul-Laurent Assoun.

Tanto com Birman quanto com Assoun, tive o privilégio de discutir individualmente o andamento da minha pesquisa de doutorado. Sou profundamente grata aos dois pela generosidade na leitura dos meus textos, pelo tempo que dedicaram a nossos encontros e pela inestimável colaboração na construção das minhas ideias. Outra interlocução, extremamente importante, foi com Renato Mezan, por ocasião de sua rápida passagem pela Universidade de Paris 7. Seu conhecido rigor na leitura do texto freudiano e sua constante preocupação epistemológica foram guias seguros na minha caminhada, justamente no momento em que buscava afinar a pertinência metapsicológica das hipóteses que levantava a respeito das vicissitudes da percepção do corpo nos processos de adoecimento somático.

Nos anos seguintes, mantive-me nos seminários de Fédida. A riqueza de cada um deles dispensa comentários. Apesar da sua conhecida complexidade, o pensamento de Fédida abria constantemente as portas para uma reflexão sempre crítica da psicanálise, partindo, com frequência, dos impasses que a clínica não cansa de nos colocar no cotidiano. Aliás, nas discussões de casos clínicos, em um seminário dedicado especialmente à problemática do caso, é que pude testemunhar, toda semana, a sensibilidade com que Fédida afirmava a potência da fecundidade clínica do seu pensamento.

Também prossegui nos seminários de Paul-Laurent Assoun, que passaram a abordar a questão do sujeito da psicanálise à prova

da feminilidade e da corporeidade e, depois, a problemática do corpo no discurso freudiano a partir da questão do trauma, escritura e sintoma. A extrema clareza do pensamento de Assoun, sempre interessado em uma discussão epistemológica da psicanálise, representou um ganho bastante significativo no meu percurso. Nesses seminários, além de ressitar a questão do corpo no discurso freudiano a partir da questão do trauma, seu objetivo era sempre o de questionar o modo como poderíamos avançar uma reflexão a respeito da realidade corporal de uma doença orgânica dentro da dialética inconsciente. Além da leitura de seus textos, que foram imprescindíveis na construção do meu trabalho, ouvi-lo falar abertamente de sua clínica foi, seguramente, uma experiência muito rica.

Nesse período, participei ainda de um encontro franco-americano para discutir as dificuldades suscitadas na clínica com os chamados *casos-limite*, em que o ponto alto ficou por conta das conferências de Monique David-Ménard, Juan David Nasio, Michel Tort, Julia Kristeva e Sophie de Mijolla. No evento, uma conferência de André Green, que contou com a participação de Jacques André como debatedor, apontou toda a amplitude da discussão que, nas últimas décadas, vinha sendo engendrada a partir dos *casos-limite*, e que colocava a clínica psicanalítica, seus limites e suas possibilidades, no centro dos debates. Na época, pude acompanhar ainda, por um semestre, os seminários de Julia Kristeva e Michel Tort na Universidade de Paris 7.

No início de 1997, em meio ao momento de redação final da tese, engravidai novamente, dessa vez de um menino. Por oito meses, Tomás me acompanhou, com sua doce presença, nos últimos meses da redação do trabalho e, bravamente, enfrentou comigo o dia da defesa do doutorado. Além de Fédida, meu orientador, participaram daquele momento Vladimir Marinov, Dominique Cupa e Paul-Larent Assoun, este na qualidade de presidente da banca. Nessa ocasião, pude me engajar em um vivo debate a respeito do

meu trabalho e experimentei o nítido prazer de defender meus posicionamentos teórico-clínicos. Isso me valeu a nota máxima (*Très honorable avec félicitations du jury*) e a indicação de publicação do meu trabalho, em livro, na França. Este veio a ser o meu primeiro livro (Fernandes, 1999). Logo após, enquanto festejávamos, Fédida se aproximou de mim e me entregou um cartão, no qual me recomendava a seu editor brasileiro – Manoel Berlinck – para que publicasse minha tese, em livro, também no Brasil.

A agudeza do pensamento clínico de Fédida e seus ensinamentos certamente contribuíram para fortalecer os alicerces de uma psicanálise brasileira que se conta e se escreve na primeira pessoa, mas que, por certo, não pode prescindir de valorizar o diálogo com seus pares e de, atenta à sua própria história, teorizar sobre a especificidade de suas problemáticas.

O retorno

*Mas eu estou repetindo muito miudamente, vivendo
o que me faltava. . . . Mas eu sou do sentido e
reperdido. Sou do deslebrado. Como vago vou.
E muitos fatos miúdos aconteceram. Conforme
foi. Euuento; o senhor me ponha ponto.*

Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*

A vida é feita de travessias, os que vão e voltam sabem bem disso. Ao atravessar de volta o *grande mar*, deixamos para trás tanta gente, tantos lugares, tantas cenas cotidianas, tantos cheiros, tantos sabores... De certo modo, deixamos para trás um pedaço da nossa própria história. Uma história como tantas, dentro do tempo, inscrita na memória. Tantos anos depois, justamente com a apresentação deste livro, a ocasião de recuperar fragmentos de lembranças, revivendo fatos, cenas, sentimentos... Não é fácil voltar.

Permanece bem viva na memória a acolhida da família e dos amigos, na chegada em São Paulo, em novembro de 1997. A entrada da Elisa na escolinha: passou uma semana muda, sem dizer uma única palavra, embora compreendesse tudo; após isso, começou a falar português. O nascimento do Tomás e a redescoberta dos prazeres da amamentação, os longos dias ensolarados na companhia dele e de Elisa. A calorosa acolhida de Janete Frochtengarten, Anna Maria Amaral, Maíra e Bernardo Tanis, Márcia Gimenez, Helena Tassara, Sandra Magina e tantos outros, nos ajudando a retomar a vida, encaminhando pacientes e discutindo ideias. Acontece em seguida a retomada do trabalho clínico em consultório, a redação do projeto de pós-doutorado e a entrada no curso de psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae.

Fui convidada por Wilson de Campos Vieira para coordenar um seminário teórico-clínico de psicopatologia e técnica psicanalítica, assim como uma supervisão grupal no curso de psicossomática. Em 1998, estava de volta ao Instituto Sedes Sapientiae. Fui generosamente acolhida pelos velhos amigos e ganhei outros, valiosíssimos, como Maria Auxiliadora Arantes e Rubens Volich, bem como todos os demais queridos companheiros de estrada, com quem mantive sempre uma afetuosa cumplicidade. Além da coordenação das atividades teóricas, o contato com a clínica dos alunos, sobretudo com a complexidade dos casos que envolvem uma queixa somática, foi de uma riqueza inestimável nesse recomeço.⁷

Um ano depois da entrada no curso de psicossomática, consegui uma bolsa de estudos da Fapesp para fazer um pós-doutorado no Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina (Unifesp) sob a supervisão de Luís Antônio Nogueira Martins. Em

7 Muitos anos depois, em 2007, passei a ter o prazer de uma parceria com Aline Eugênia Camargo e Maria Luiza Ghirardi na coordenação de um módulo temático sobre as problemáticas alimentares: anorexia, bulimia e obesidade.

1999, estava de volta à Unifesp, dando continuidade à minha vida acadêmica. Voltei a participar das reuniões com os residentes de psiquiatria e com os especializandos de psicologia para discutir os casos atendidos no Hospital Geral. Agora, porém, coordenava também uma reunião de discussão teórica e metodológica com os alunos da pós-graduação vinculados ao Serviço de Interconsultas.

Estimulada por um convite para apresentar uma conferência em um encontro teórico-clínico do curso de psicossomática, redigi um artigo a respeito da problemática abordada em minha tese de doutorado e o submeti à revista *Percuso*. A publicação desse artigo me valeu outros convites para conferências e a oportunidade de divulgar o meu trabalho, algo que foi de extrema importância nessa retomada da minha vida profissional em São Paulo. Por meio dessa primeira publicação na *Percuso*, Manoel Berlinck teve acesso ao artigo e me fez o convite para publicá-lo novamente no volume *Hipocondria* de sua Coleção Biblioteca de Psicopatologia Fundamental. Tal convite muito me honrou, não apenas por representar um reconhecimento do meu trabalho no Brasil, mas por permitir-me partilhar um espaço de publicação com os mestres e inspiradores franceses das minhas ideias. Após passar pela autorização de Alain Fine, um dos organizadores da publicação na França, e de um parecer positivo de Admar Horn, o artigo foi incorporado à coletânea brasileira (Fernandes, 2002). Agradeço a Admar Horn pela prontidão e entusiasmo do seu parecer e, sobretudo, a generosidade de Manoel Berlinck, que insistiu para que o texto de um pesquisador brasileiro fizesse parte da versão em português dessa coletânea sobre a hipocondria. Esse artigo é retomado no segundo capítulo deste livro.⁸ O tema da hipocondria será novamente abor-

⁸ “A hipocondria do sonho e o silêncio dos órgãos: o corpo na clínica psicanalítica”.

dado no terceiro capítulo, quando se trata de melhor compreender a prevalência das formas corporais do sofrimento na atualidade.⁹

A partir daí, além da importância crescente de minha atividade clínica de consultório, iniciei a experiência de coordenar grupos de estudos e de dar supervisão para atendimentos psicanalíticos de adolescentes e adultos. Comecei também a receber convites para participar de mesas-redondas, dar aulas em programas de pós-graduação em universidades de São Paulo e de outros estados. Nessa caminhada, foi fundamental a presença dos amigos Aline Camargo, Daniel Delouya, Decio Gurfinkel, Mário Eduardo Costa Pereira e Rubens Volich, abrindo portas, gerando convites ou recomendando meus artigos. Vieram os primeiros pedidos de participação em bancas de dissertação de mestrado e teses de doutorado, assim como solicitações para contribuir como parecerista *ad hoc* de revistas científicas do nosso meio psicanalítico. Percebi, com isso, que pisava novamente em solo firme, entre minha clínica e minhas atividades acadêmicas.

No entanto, retornar não foi fácil. Senti outra vez a necessidade de retomar minha análise pessoal. Embora tivesse a oportunidade de fazer algumas sessões de análise com Mme Troisier, sempre que tinha a ocasião de retornar a Paris, sobressaiu o desejo de me lançar em uma nova aventura psicanalítica. Dessa vez, escolhi um analista lacaniano, e foi com Carlos Augusto Nicéas que investi nessa aventura. Por alguns bons anos, ele me acompanhou, com precisão, por todos os meandros das minhas questões com a volta ao Brasil, inclusive com as questões a respeito da direção que daria a meu futuro profissional.

As atribuições ligadas à vida acadêmica me solicitavam cada vez mais, e o meu gosto pela escrita só se intensificava ao longo dos anos. Nessa época, veio um convite de Flávio Ferraz para escrever

9 “As formas corporais do sofrimento: a imagem da hipocondria”.

um livro sobre a anorexia e a bulimia para a coleção que ele acabara de idealizar – a Coleção Clínica Psicanalítica. Esse convite logo me entusiasmou a mergulhar novamente em um intenso e longo trabalho de pesquisa, agora sobre esses quadros clínicos de difícil compreensão metapsicológica e, mais ainda, de difícil manejo clínico. De fato, ao longo dos anos, vários foram os contatos com essas problemáticas em minha prática clínica. Abordar uma clínica tão complexa era um desafio. E valeu a pena (Fernandes, 2006b). Reapresentarei aqui, nos capítulos 5¹⁰ e 6,¹¹ algumas das hipóteses que desenvolvi nesse livro sobre a anorexia e a bulimia na clínica psicanalítica, particularmente aquelas que dizem respeito à questão da relação do sujeito com seu corpo e com a figura materna.

Naquela ocasião, havia acabado de concluir o pós-doutorado, e o trabalho apresentado tivera uma boa acolhida entre os pareceristas da Fapesp; talvez por abordar um tema ainda pouquíssimo explorado até então, a saber, a questão do lugar do corpo na teoria freudiana. Flávio Ferraz aceitou prontamente incluí-lo na sua coleção, tendo sido publicado três meses depois (Fernandes, 2003), isto é, três anos antes da publicação do livro sobre a anorexia e a bulimia. Devo dizer, novamente, que valeu a pena. Meu sincero agradecimento a Flávio pela aposta sempre confiante no meu trabalho e pela riqueza das ideias partilhadas ao longo de todos esses anos. Um recorte das hipóteses apresentadas nesse livro reaparece aqui no capítulo 4,¹² no qual busquei traçar uma genealogia da questão do corpo na teoria freudiana e sua função na escuta do analista.

Contei sempre com uma interlocução muito generosa entre os colegas psicanalistas durante o período da elaboração desses livros, mas Mario Fuks, em particular, me presenteou com sua presença

10 “O corpo recusado na anorexia e o corpo estranho na bulimia”.

11 “Mãe e filha... uma relação tão delicada...”.

12 “Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista”.

em vários momentos da redação do livro sobre a anorexia e a bulimia. A vasta experiência clínica e a qualidade do seu pensamento teórico foram guias importantes na minha estrada. Ao Mario, minha gratidão. Escrever é muito gratificante, mas ser lido é indispensável! Sou igualmente grata à rigorosa leitura realizada por Silvia Alonso do livro em questão. A fineza de seu senso crítico continuou a movimentar meus pensamentos e foram muito úteis na redação de outros artigos, publicados posteriormente (Fernandes, 2007, 2012, 2016a, 2016b, 2017).

Minha gratidão se estende também a Lucía Fuks, por ter mantido comigo uma interlocução muito estimulante e fecunda a respeito das vicissitudes do mal-estar feminino da contemporaneidade. Tive com Lucía algumas boas conversas sobre o excesso de atribuições que caracteriza o cotidiano da vida das mulheres. Ela foi uma das primeiras para quem enviei um texto que escrevi nas férias de verão em Ubatuba, uma espécie de desabafo confessional, no qual, por meio da escrita, buscava compreender e lidar com as exigências e as vicissitudes do meu próprio cotidiano. Em seguida, Lucía me convidou para apresentá-lo numa mesa-redonda, coordenada por ela, no IV Encontro Latino-Americano dos Estados Gerais da Psicanálise.¹³

Por volta dessa época, resolvi retomar de forma sistemática o trabalho de supervisão dos casos atendidos em meu consultório. Decidi procurar a interlocução de Maria Rita Kehl. Seu genuíno interesse na reflexão teórico-clínica foi muito importante, não apenas por estabelecer comigo uma viva troca a respeito dos casos clínicos, mas também sobre a intensa experiência psíquica da escrita. Maria Rita foi, ainda, uma leitora generosa dos primeiros artigos que

13 Por indicação de Maria Rita Kehl, esse texto foi publicado em 2006 (Fernandes, 2006a). Três anos mais tarde, por solicitação da própria revista, foi republicado em uma edição especial sobre o feminino (Fernandes, 2009b).

comecei a escrever a respeito da articulação entre psicopatologia e cultura e a responsável pela minha primeira publicação nesse campo. Neste livro, retomo essa articulação em dois capítulos, no sétimo e no oitavo, insistindo sempre na importância de partirmos da clínica para poder pensar a cultura.¹⁴ No sétimo capítulo,¹⁵ parto da fecundidade da clínica psicanalítica da anorexia e da bulimia para enfatizar a centralidade da questão do corpo e dos ideais na psicopatologia contemporânea e sua relação com a alimentação. No oitavo e último capítulo,¹⁶ a relação entre psicopatologia e cultura será revisitada a partir da especificidade do mal-estar feminino e sua relação com o corpo e com a vivência da maternidade.

Algum tempo depois, tive a imensa satisfação de ser, pela primeira vez, convidada a apresentar minhas ideias fora do país. Tratava-se de um colóquio sobre as práticas e os usos do corpo na modernidade, na Universidade de Rennes. A partir daí, pude retornar à França algumas vezes para expor minhas ideias e vi meus textos começarem a ser solicitados para publicações por lá (Fernandes, 2009a, 2013b, 2014). Se, de um lado, a escrita e a atividade docente me ocupavam muito, de outro, a nítida expansão do meu consultório e o encanto pela clínica direcionavam cada vez mais minhas escolhas profissionais.

Nessa época, já havia participado e apresentado trabalhos nos Congressos da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, o primeiro em Campinas, depois no Rio, e assim por diante até o Congresso de Recife em 2024. Entre os muitos encontros, ótimas discussões e fecundas trocas, desenvolvi uma parceria com Marta Rezende Cardoso (UFRJ) que se mantém até hoje, tendo a ela vindo juntar-se Eliane Marraccini (Departamento

14 Ao leitor que se interessar, retomei posteriormente essa articulação em outros dois artigos (Fernandes, 2013a, 2013c).

15 “O corpo e os ideais na clínica contemporânea”.

16 “O corpo da mulher e os imperativos da maternidade”.

de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae) e a saudosa Silvana Rabello (PUC-SP). Essa parceria deu origem à coletânea *Limites de Eros*, organizada por todas nós e publicada em 2012 (Marraccini *et al.*, 2012). Dez anos depois, em 2022, dada a atualidade do tema em tempos de pandemia, essa publicação recebeu uma segunda edição, dessa vez pela Editora Blucher (Marraccini *et al.*, 2022). Em seguida, tivemos o prazer de ver se juntar a essa parceria a presença de Silvia Zornig (PUC-Rio). Meu sincero agradecimento a cada uma delas pela fertilidade de nossas trocas. O sexto capítulo¹⁷ deste livro, que trata das vicissitudes da relação mãe-filha, particularmente na anorexia e na bulimia, foi publicado originalmente nessa coletânea.

Embora no início, além dos congressos e simpósios, os convites para apresentar meus trabalhos se restringissem às instituições acadêmicas, pouco a pouco o interesse clínico, sempre presente nos meus textos, começou a ser cada vez mais reconhecido e valorizado por meio de solicitações para expor minhas ideias nas instituições de formação de analistas.¹⁸ Foram experiências sempre muito gratificantes e que alimentaram meu interesse na troca de ideias com colegas de vários lugares e centros de formação, que também reafirmaram ainda mais minhas convicções na importância do trabalho de transmissão da psicanálise e, consequentemente, na potência inquestionável da clínica psicanalítica para o futuro da própria psicanálise.¹⁹

17 “Mãe e filha... uma relação tão delicada...”.

18 Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, Círculo Psicanalítico de Pernambuco, Espaço Psicanalítico de João Pessoa, Formação Freudiana do Rio de Janeiro, Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Sociedade Psicanalítica do Recife, Departamento de Psicanálise da Clínica Dimensão de Goiânia, Centro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo, Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, Grupo de Estudos Réverie de Sergipe.

19 A respeito da transmissão da psicanálise, remeto o leitor ao artigo “Garantia,

A reconhecida complexidade da clínica, sobretudo quando nos ocupamos de casos cuja gravidade psicopatológica representa um desafio cotidiano, é que me levou, novamente, a procurar uma supervisão. Tive, então, o privilégio de ser cuidadosamente acompanhada por Ana Maria Sigal. A escuta extremamente perspicaz de Ana ampliou, a cada dia, minha possibilidade de escutar. Percorrer os casos clínicos que mais me inquietavam tornou-se um exercício cada vez mais fecundo e enriquecedor. O afetuoso interesse que Ana demonstrava pela minha clínica e a riqueza de seus assinalamentos teóricos me permitiram ampliar nossas discussões para além dos casos clínicos. Passamos a debater as mais variadas questões e, particularmente, as próprias relações do saber psicanalítico com a clínica. A Ana, meu profundo reconhecimento e gratidão.

Anos antes, já havia escolhido romper o meu vínculo de trabalho com o Departamento de Psiquiatria da Unifesp. Distanciar-me da vida acadêmica não foi uma escolha fácil, mas, ao longo do tempo, a escolha se consolidou. Alguns anos depois, recebi com muito entusiasmo o convite do grupo de professores do Curso de Psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae para coordenar um seminário no terceiro ano da formação psicanalítica. Se a clínica foi tomando cada vez mais espaço nos meus interesses, a transmissão da psicanálise foi-se configurando um campo prioritário de meus investimentos. A possibilidade de me engajar em um projeto de transmissão da psicanálise com um grupo de colegas por quem tenho profundo respeito muito me gratificou. Aos colegas do Curso de Psicanálise, minha gratidão pela intensidade de nossas parcerias, pela solidariedade nas nossas trocas intelectuais e políticas e pelo prazer de compartilhar um projeto

autorização e alguns outros”, de Pedro Ambra (2015), e a meu comentário desse artigo, “Transmissão, reconhecimento e alguns outros” (Fernandes, 2015).

de transmissão da psicanálise no qual teoria, clínica e ética se encontram intrínseca e genuinamente implicadas.

Minha atividade profissional se divide atualmente entre a clínica e a transmissão da psicanálise. Por transmissão, entendo aqui não somente a coordenação de seminários e supervisões no âmbito da formação psicanalítica, mas também a coordenação de um grupo de estudos em Recife, conferências, cursos, aulas, participações em mesas-redondas e, ainda, a atividade da escrita. Escrever tem sido uma maneira de ampliar minhas possibilidades de transmissão da psicanálise, um meio pelo qual posso partilhar com muitos leitores aquilo que aprendo cotidianamente com meus analisandos. Os desafios lançados por cada um deles direcionam meu interesse na busca de uma construção teórica que me permita melhor escutá-los. Do mesmo modo que a interlocução constante e intensa com meus alunos, suas questões, suas críticas, suas habilidades para *desconfiar*, criam em mim a esperança de que o caminho se renova sempre. Também a eles, a meus supervisionandos e, sobretudo, a meus analisandos, minha gratidão.

Entre várias possibilidades, escolhi reunir aqui apenas oito artigos que, a despeito da passagem do tempo, conservaram sua atualidade, continuando a ser referência na transmissão da psicanálise. Além disso, colocam de forma clara minhas contribuições ao entendimento da especificidade da clínica psicanalítica e sua complexidade. Como se trata de artigos que cobrem mais de duas décadas de reflexão, para reapresentá-los aqui, realizei uma revisão de cada um, fazendo modificações com o objetivo de atualizar, quando necessário, os temas abordados, mas também de facilitar uma leitura sequencial do livro. Essa escolha teve ainda como objetivo contribuir para uma escuta clínica atenta ao fato de que o sofrimento psíquico é indissociável de uma experiência narrativa mobilizada pelos sistemas sociais de valores, próprios de uma determinada época e lugar. Creio que somente assim poderemos

transmitir às novas gerações, que se debruçam hoje sobre inúmeros novos desafios, uma psicanálise criativa e aberta às vicissitudes do seu tempo e, particularmente, ao impacto da situação social brasileira nas configurações do sofrimento psíquico em nosso país.

Este livro começa evocando a “feiticeira metapsicologia”, dando o tom do que o leitor encontrará a seguir. Isto é, um livro no qual a teoria freudiana será convidada, em cada capítulo, a comparecer, junto com outros autores contemporâneos, a fim de nos guiar na compreensão de quadros clínicos, tanto complexos quanto atuais. Várias dessas problemáticas clínicas foram potencializadas em tempos de pandemia, nos quais a extensão do sofrimento psíquico e sua gravidade ainda não foi devidamente dimensionada. Tais formas clínicas solicitam não apenas uma leitura crítica e rigorosa dos pressupostos teóricos que dispomos, mas sobretudo a criatividade dos analistas diante da complexidade do manejo transferencial desses casos. O leitor será convidado a acompanhar os questionamentos suscitados a partir da minha clínica no que diz respeito ao corpo, à alimentação e aos ideais. Sem dúvida, a meu ver, três importantes pontos de captura do sofrimento psíquico na atualidade. Amplamente habitando o divã dos analistas, a captura do sujeito contemporâneo na trama dos ideais forjados pelo seu tempo encontra no corpo e na alimentação, conforme busquei demonstrar, dois poderosos domínios para fazer valer seus excessos ou sua tirania.

Algumas das imagens clínicas, aqui evocadas em forma de pequenas vinhetas, retornarão ao longo de todo o livro visando dar figurabilidade aos temas abordados. Embora os capítulos possam ser lidos independentemente, segundo o interesse do leitor por cada tema, optei por apresentar os textos, sempre que possível, na ordem temporal em que foram escritos.²⁰ Isso tem a vantagem

20 A única exceção é o primeiro capítulo, por ser um texto que privilegia a

de permitir ao leitor acompanhar, de perto, a construção do meu pensamento. A partir da minha clínica cotidiana, os temas foram se sucedendo e se comunicando uns com os outros, construindo, assim, um caminho que é responsável pela minha forma atual de pensar e de transmitir a psicanálise. A desvantagem é que, no retorno dos temas, as repetições são inevitáveis, assim como no próprio pensar psicanalítico. Retornos incontornáveis e necessários, carregando sempre consigo o novo e a repetição, inerente ao encontro do analista com seus analisandos, mas também dele mesmo com suas histórias transferenciais e com as teorias que se produzem a partir desse lugar fundamentalmente paradoxal da transferência, lugar fundante da clínica psicanalítica.

Se escolhi transformar cada leitor em cúmplice das minhas lembranças e porta-voz da minha gratidão, foi por acreditar que a presença de todos, que fiz questão de nomear aqui, alimentou a minha caminhada. Sou, ainda, infinitamente grata a todos os queridos personagens da minha vida. Mas, especialmente, ao Nelson e a meus filhos, Elisa e Tomás, que, além de alimentarem de encanto as aventuras do meu cotidiano, também alimentam em mim a alentadora certeza de que nada foi terminado. Desejo que o leitor encontre aqui um bom começo...

Se o fantástico personagem de Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*, guiou meus passos até aqui, só poderia finalizar a narrativa da minha trajetória deixando, mais uma vez, Riobaldo falar, deixando-o dizer algo de precioso que aprendemos com a clínica psicanalítica: “O senhor... Mire seja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam” (Rosa, 1986, p. 39).

discussão sobre a construção dos modelos teóricos freudianos, e não as discussões clínicas.



Maria Helena Fernandes inspira-nos a enfrentar os desafios do sofrimento humano, quer se expressem pelo corpo e suas funções, como as alimentares, por vivências do feminino, da maternidade ou sejam, ainda, socioculturais.

Em textos em que a poesia entremeia a sutileza teórica e uma rara atenção ao que passa despercebido na cacofonia e nos simulacros da clínica e dos modos de vida contemporâneos, descobrimos a importância do exercício da *desconfiança* e da *delicadeza*, que alertam o clínico para as armadilhas do suposto saber, tão tentadoras para nosso narcisismo ameaçado, sobretudo, no acompanhamento dos casos mais difíceis.

Embalados pela melodia de sua prosa, suas expressões e seus conceitos, descobrimos nesta obra o potencial transformador de uma escuta sensível e viva.

– **Rubens M. Volich**

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2561-4



9 788521 225614



www.blucher.com.br

Blucher

Fernandes

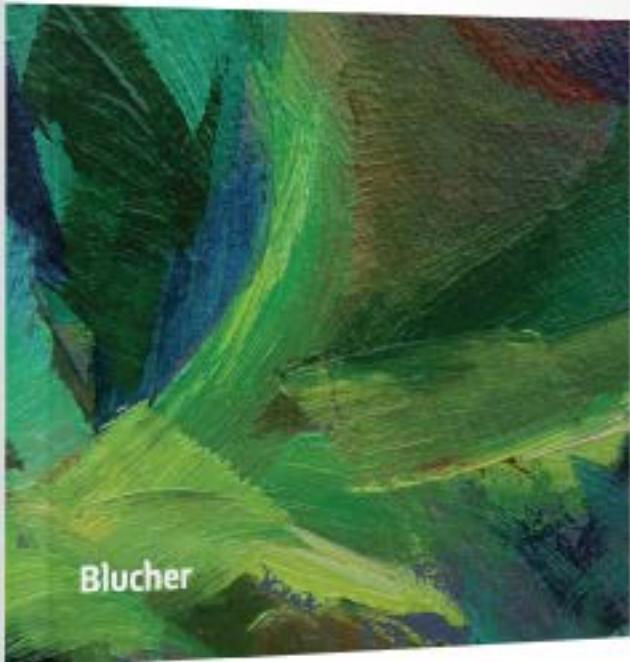
Capturas do sofrimento

Blucher

Maria Helena Fernandes

Capturas do sofrimento

Corpo, alimentação e ideais na clínica psicanalítica



SELENAOL

Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Capturas do sofrimento

Corpo, alimentação e ideais na clínica psicanalítica

Maria Helena Fernandes

ISBN: 9788521225614

Páginas: 304

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
